

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Patrícia Campos Magalhães

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Patrícia Campos Magalhães é curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual João Gomes Araújo, em Pindamonhangaba/SP, criado em 2013, também por ela que é professora-pesquisadora com projetos anuais de HAE (horas atividades específicas) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), e desde que ingressou no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), em 2009. A professora tem vários artigos publicados em livros de memórias institucional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 11 de setembro de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 51 minutos e 54 segundos

Número de vídeos: um

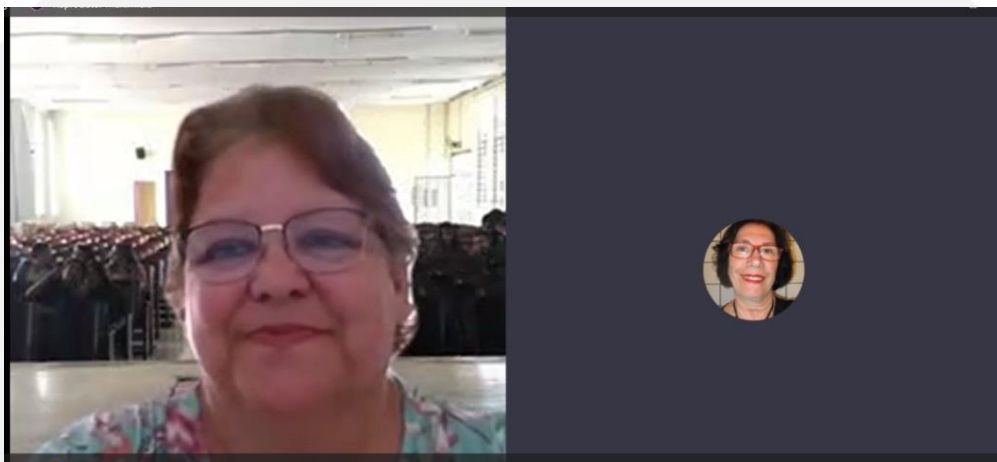
Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 23

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias

e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a imagem da entrevistadora não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 11/09/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 12 a 23 de fevereiro de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora: 14 de março de 2025

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Patrícia Campos Magalhães, eu agradeço muito você estar concedendo hoje, que é dia 11 de setembro de 2020, essa entrevista de História Oral de Vida para o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, principalmente porque você está conosco no GEPEMHEP há muitos anos, é uma das criadoras do Centro de Memória da Etec João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba. E eu fico muito feliz de você dar continuidade a esse projeto, nessa escola, numa escola que tem muita história. Então nós gostaríamos que você deixasse o registro da sua história de vida, onde você nasceu, onde você estudou, as decisões que você

foi tomando para se tornar, ter feito o curso de Direito, quando você decidiu começar a lecionar, ingressou no Centro Paula Souza e, principalmente, a sua relação com o Centro de Memória.

Patrícia Campos Magalhães (PCM): Está bom, então vamos começar. Eu tenho 49 anos, eu nasci em São Paulo, fui para São Paulo só para nascer, porque minha mãe já tinha 43 anos na época, e a cidade de Pindamonhangaba não tinha estrutura para o parto dela, e ela era professora, servidora pública, e nós fomos para São Paulo para ver a terra, ver a terra. Eu sou de família de professores, minha mãe, minhas tias são professoras, eu estudei sempre em escola particular, sempre fui caçula da família, então eu sempre fui muito mimada, no sentido de cuidada, da olhada, e a influência dessas tias, dessa minha mãe, elas me fizeram professora desde pequena. Eu acho que isso foi importante para mim e para as minhas irmãs, minhas irmãs também são professoras, aqui não é virou bibliotecária, então está tudo dentro da mesma linha de vida, de proposta de vida. Quando eu fui, eu estudei em uma escola muito boa, na cidade de Taubaté, em 86, 87, 88. Em 88, então, a gente teve a Constituição Federal e eu era encantada, não só com história, como também com política, e eu me apaixonei pelo Direito por causa de alguns professores que eu tive nessa escola, que me ensinaram a entender a importância da Constituição Federal. E eu acabei entrando no Direito, eu fiquei muito em dúvida se eu iria fazer História ou Direito, mas eu acabei entrando na Faculdade de Direito por causa dessa influência, desse clima que existia lá em 88, da democracia, da abertura política, o final das diretas já, a gente já estava vivendo um outro momento, daí as primeiras eleições diretas. Então eu fui com esse impulso do momento, e assim, eu sou muito boa de discussão, eu tenho um outro lado meu, que é o lado paterno, que ele é político também, e eu fui fazer Direito. E aí teve uma época em que eu precisava ganhar dinheiro, porque eu era, apesar de eu ser a caçula numa família de professores e tal, a gente não era rico, ninguém era rico em casa. E aí, então, eu tinha uma amiga que era professora de português, e ela falou, por que você não dá aula eventual? E eu fazendo Direito no horário noturno, fui dar aula eventual durante o dia em escola rural, e me encantei com aquele universo.

PCM: Então era uma realidade que para mim era muito próxima de tudo que eu tinha visto, ouvido, falado. Eu estudava à noite o que eu gostava, que era o Direito, e de manhã e de tarde eu estava vivendo com outras realidades, e tendo sempre aquele olhar social, e observando as crianças, e tentando ajudar aqui e ali, fazendo uma horta comunitária, ajudando a levantar dinheiro para ajudar uma família, aquela coisa toda lá. E aí, então, eu me

apaixonei pela sala de aula. Mas eu estava fazendo isso. Isso foi, ainda vi ontem, isso foi em 90. Em 1990, eu estava entrando no terceiro ano de faculdade.

MLMC: A escola era em Pinda (Pindamonhangaba) mesmo?

PCM: Em Pinda. Era depois da Dutra, eu pegava um ônibus perto da minha casa, parava na Dutra, atravessava uma passarela, atravessava um pasto para dar aula nesse lugar. Mas, assim, o dinheiro que eu ganhava lá não ajudava na faculdade. A faculdade foi financiada por uma tia minha. Minha tia que foi professora na Etec, que não era Etec, lá no passado. Eu não vou contar a história dela. E aí, então, eu me apaixonei por essa realidade de sala de aula e tal, mas eu também não tinha coragem de largar o Direito, porque eu também era apaixonada pelo Direito. Foi um momento muito, assim, para mim, uma coisa muito complicada, porque do mesmo jeito que eu gostava de ir com os alunos lá, sei lá, pintar uma parede lá, brincar, ficar no pátio com eles e ensinar coisas para eles, eu tinha que me vestir para ir em uma audiência, em estágio, aí comecei a fazer estágio, fazer estágio e tal. Então, eu fiquei num mundo muito dividido, um mundo que me ensinava como é que eu fazia para ganhar dinheiro, para ser dura em uma audiência, para ter uma postura de advogada, e um mundo que me trazia muita... muita... um prazer muito grande. E era, assim, um momento em que as pessoas, as crianças eram muito carentes e eu tinha muito para dar para aquelas crianças. E eu fiquei muito em dúvida na época, eu cheguei a pensar em desistir do Direito para fazer História e tal, mas aí eu falei assim: - meu, eu não vou perder três anos de faculdade, quatro anos de faculdade, para começar uma outra. Eu vou terminar o direito e depois eu faço outra. Aí, eu me formo em 94, eu me afasto da sala de aula durante dois anos, de 92 a 94, eu me afasto da sala de aula por dois anos, porque eu viro estagiária da Defensoria Pública, que na época era a Procuradoria do Estado, e, por sinal, quem era o meu superior em São Paulo era o Michel Temer, conheci pessoalmente o Michel Temer. E aí, eu era estagiária nessa época, então não podia acumular cargo. E aí, eu me afasto, fico como estagiária durante dois anos e quando eu me formo, eu volto para a sala de aula, porque a advocacia já era um momento muito complicado para a advocacia. E aí, enfim, eu voltei para a sala de aula e continuava advogando, dando aula e advogando, dando aula e advogando. Em 96, surge o concurso público da Paula Souza, e a minha irmã, que é minha irmã, a segunda irmã, tem uma mais velha, é a segunda, ela era professora, pelo Centro Paula Souza, de Artes, e ela me fala: - você não quer dar aula lá na Etec? Não era Etec na época. Que eles estão contratando professor de legislação, que o professor fulano, o doutor Roberto Marcondes, ele vai se aposentar, ele vai se afastar, ele vai sair da escola. E eu prestei o concurso. Eram cinco candidatos, me lembro disso direitinho, eram cinco candidatos. E o concurso foi em São

Paulo. Era, logo a gente foi em 96, eu entrei em 96, a Etec virou, a escola virou Etec em 94, então fazia pouquíssimo tempo que a escola tinha virado Etec. Então nós fomos para São Paulo para fazer o concurso, e o concurso escrito, a prova objetiva, eu fui muito bem. Mas na prática eu fui muito mal, por quê? Porque eu tinha que dar uma aula, e eu tinha mais quatro concorrentes, esses quatro eram mais velhos do que eu. Estava muito calor, era em junho, assim, era maio, junho, mas estava calor, e eu fui com uma roupa de inverno, eu fui com roupa de advogada de inverno, e eu cheguei para dar aula no prédio do Centro Paula Souza, o prédio antigo lá do Centro Paula Souza, e aí eu fui a última a ser chamada pelo nome P, lá atrás. E quando eu entrei na sala de aula, eu passei muito mal, fiquei nervosa e tal. E aí na hora de vir a classificação, eu peguei o quinto lugar. Então eu fui classificada, fui muito bem na parte teórica, na parte prática eu peguei o quinto lugar. E aí a diretora, eles começaram a chamar as pessoas, e aí nessa época eu comecei a fazer Letras. Nesse período que eu entrei na Paula Souza, eu estava fazendo Letras, como é essa, hoje a gente tem a R2, que a gente faz uma vez por mês, e eu fazia, naquela época eu fazia Letras. E aí a diretora da escola foi chamando, e os professores, só uma professora que ficou, que é a professora Arlete (Arlete Cândido Monteiro Vieira), que foi a primeira, até porque ela já era professora da escola, mas os outros foram declinando e chegou a minha vez. E aí eu entro na escola pela primeira vez. E essa escola, a João Gomes de Araújo, é uma escola que eu não estudei nela. Era uma escola que é do outro lado da cidade, quer dizer, hoje é ali, mas para mim, por eu ser caçula, filho de mãe mais velha e tal, eles colocaram em uma escola mais perto e particular. Até por uma questão de segurança, até porque eu não queria me buscar, enfim, aquela coisa. Então, mas era uma escola cheia de história. Por quê? Porque essa escola, minha tia trabalhou lá 40 anos, os meus irmãos todos estudaram lá. Quando eu era criança pequena, eu cheguei a ir nessa escola buscar o uniforme de fanfarra do meu irmão, junto com o meu irmão. Então, eu me lembro que o primeiro lugar, onde era o centro de memória, era o lugar onde se guardavam os instrumentos da fanfarra. Engraçado, né? Foi uma coisa que me chamou atenção, porque era muito instrumento, eu nunca tinha visto, era muito rico. A minha escola era uma escola rica e particular, mas eu era criança e nunca tinha visto uma escola tão grande com tanta coisa rica, bonita. Porque criança tem aquela quantidade enorme de instrumentos. Na minha adolescência, eu fui jogar vôlei nessa escola, nas quadras, que hoje é a oficina mecânica. Então, como essa escola é uma escola que já fazia parte da história da minha família, todos os acessos que eu tive a ela foram acessos registrados, porque eu tentava lembrar o que eles tinham me contado daquele espaço. Entendeu? Então, quando eu fui contratada e eu entrei naquele espaço, eu, apesar de eu não ter um vínculo anterior, pessoal anterior, eu tinha um vínculo familiar com aquilo tudo lá. Mas eram pouquíssimas aulas e eu continuei advogando. Eu larguei a advocacia há cinco anos. Eu advoguei até agora, 45 anos.

Porque chegou uma época em que eu ganhava muito mais dinheiro advogando do que dando aula. E aí, eu dava aula de legislação e eu fui passando por esse processo de modificação. As aulas eram Contabilidade, como é hoje, o ETIM, era tudo junto. E depois teve lá a LDB, virou os modulares, aí eu fui reduzindo as aulas. E eu passei por muita tensão e eu me lembro que chegou uma época que eu falava para minha mãe assim: - ai mãe, eu não vou mais dar aula lá, não vou mais dar. Eu estou com cinco aulinhas só, estou ganhando menos de um salário-mínimo, estou ganhando dinheiro com uma advogada. E ela falava assim: - minha filha, o Estado é o Estado, não saia do Estado, mantenha seu pezinho lá. E aí, eu me lembro, o primeiro acesso que eu tive às informações históricas sobre a escola, apesar de ouvir os irmãos e tal, não havia nenhuma preocupação com o resgate da história da escola. Em nenhum momento eu me lembro de ter comemorado o aniversário da escola. Por exemplo, o aniversário de 70 anos eu estava lá, de 80 anos foi a 10 anos, 70 foi a 20, eu estava lá, não me lembro. Eu não me lembro de ninguém fazer uma homenagem a algum outro professor, eu não me lembro de arquivos sobre documentos, eu não me lembro de nada disso, porque não existia esse olhar. Durante muito tempo, a direção, quando eu entrei, a direção que ficou acho que 10 anos, ela tinha um... ela é muito engraçada, ela é uma pessoa maravilhosa. Eu não sei se posso falar o nome, mas ela tinha...

MLMC: Deixa-me perguntar qual é o nome dela?

PCM: A professora Ivete (Ivete da Mota Colin). O olhar dela era sempre de modernidade, de futuro. Então, ela era uma pessoa que não valorizava muito o passado. E eu também, como eu era muito nova e continuava divulgando, tinha outros assuntos, não tinha um olhar de preocupação. E eu me lembro de que ela gostava muito de tudo que era novo, e aí tudo que era velho era deixado de lado. E não tinha ninguém que batesse de frente. Chegou uma época que a gente tinha um piano na escola que foi colocado na calçada. O piano apodreceu na calçada. Porque não existia... as carteiras foram trocadas. Absurdamente trocadas, absolutamente trocadas. Então, nada... não existia uma valorização do passado. O primeiro acesso que eu tive às fotografias, o acervo fotográfico da escola, foi um dia que eu entrei no segundo diretor, o diretor Serrano (Antônio Serrano), entrei na sala dele para conversar e eu vi uma caixa em um lado, assim, e falei assim: - o que é isso aí, Serrano? Falei, isso aí é o acervo das fotografias da escola. Falei, mas isso é uma riqueza. Falei, mas ninguém quer fazer nada. Ninguém quer fazer nada. Alguém tem que fazer esse trabalho voluntário. Mas já existia o trabalho de resgate do centro de memória, que eu não sei... foi bem antes. Há quanto tempo faz que existe o centro de memória?

MLMC: O trabalho de memória começou com a Júlia (Júlia Falivene Alves) em 97.

PCM: Então, já existia. Foi logo no final, quando ele saiu. E foi quando foi lançado aquele livro com aqueles prédios antigos?

MLMC: Foi em 2002, que lançaram os livros.

PCM: Mas a pesquisa foi anterior, não é? Eu me lembro...

MLMC: A pesquisa com apoio da FAPESP foi de 98 a 2002.

PCM: Bom, e aí eu me lembro de eu ter ficado chocada de ver aquela quantidade de material jogado lá, sem nenhum cuidado.

MLMC: Bom, em que ano foi isso que você viu essas fotos?

PCM: Olha, foi no ano que ele saiu. Deixa-me pensar aqui. A Mirtes (Mirtes Marroco Paim) ficou 10 anos, a Mirtes saiu ano passado. Foi em 2009, 2008, 2009. Eu me lembro do lugar onde era a sala dele. Ele tinha mexido no prédio, então eu consigo localizar mais ou menos a data, porque era uma sala que hoje não é mais essa sala, entendeu?

MLMC: Bom, e estava perto da comemoração dos 80 anos quase, não é?

PCM: Pois quando eu vi, eu me lembrei disso. Como é que a nossa escola não se atentou para essa pesquisa que estava acontecendo? Mas não existia esse olhar mesmo. Eu acho que a escola não tinha esse olhar, não existia uma sensibilidade para isso. Nós passamos muitos anos na escola perdendo algumas tradições, como formatura, baile, festa, sabe? Eu me lembro de uma ex-diretora nossa chamada professora Heloísa (Heloisa Ferraz Schmidt Romeiro). Ela não foi minha diretora, mas ela foi diretora na década de 60, 70. E ela, quando... Eu fico com medo de falar, não é uma denúncia, mas são fatos. Quando o professor Serrano ganhou as eleições, a professora Heloísa estava para aposentar-se pela segunda vez, ela falou assim: - eu gosto muito do Serrano. Ele foi o responsável, Maria Lucia, pela criação do prédio da Mecânica. Ele é um dos que eu entrevistei para o Memórias desse ano. E aí a professora Heloísa falou assim, eu gosto muito do Serrano, mas nós vamos perder muito em pedagogia, porque ele não tem... A formação dele era de engenharia. Então o olhar dele era tecnológico, ele não tinha um olhar como os outros diretores vinham da formação escolar,

entendeu? Então a gente teve um lapso de tempo aí. A primeira diretora minha não tinha um olhar histórico, e o segundo diretor não tinha um olhar pedagógico. O olhar dele era mais tecnológico, mas cada um deles cumpriu a sua função. Quando... Bom... Em... 2008, eu fui para São José, que abriu a Etec de São José dos Campos, e o diretor de Caçapava perguntou para mim se eu tinha interesse de ir para lá para ajudar a montar o ensino médio lá. Essa altura já estava formada em Letras. E aí eu fui para São José, eu estava com pouquíssimas aulas em Pinda, eu estava perdendo o vínculo, eu quase perdi, eu só não perdi porque uma amiga me deixou duas aulas para eu não perder o vínculo com a Etec daqui de Pinda. Foi uma época que teve um enxugamento, foi antes do Plano de Expansão chegar para a gente. O Plano de Expansão começou a acontecer em 2006, eu acho que em São Paulo, mas chegou para a gente em 2008, 2009. Então foi antes. E aí quando eu vi que eu ia perder o meu vínculo, eu fui para São José e montei lá. E lá, eu amadureci muito enquanto gestora, enquanto gestora pedagógica mesmo, apesar de eu não ser formada em pedagogia. E eu fui montar...

MLMC: Você foi como coordenadora pedagógica?

PCM: Eu fui como coordenadora do ensino médio. Eu fui ajudar a montar o ensino médio. Tinha uma coordenação pedagógica e eu fui como coordenadora do ensino médio de lá. E foi uma experiência maravilhosa porque eu volto lá na década de 90 com um público jovem, um público novinho, com os objetivos mil de futuro, diferente que o do público do técnico. Fiquei dois anos lá em São José. Quando o Ensino Médio começou a caminhar a direção daqui, me chama para assumir uma descentralizada, fala: - Patrícia, vem para Pinda, que eu quero que você assume uma descentralizada e crie e forme o primeiro curso Técnico em Serviços Jurídicos, que veio de cima para baixo. O Tribunal de Justiça pediu para o Centro Paulo Souza criar o Técnico em Serviço Jurídico para atender a demanda de qualificação dos servidores do tribunal.

MLMC: Eu lembro disso.

PCM: Você Lembra? E aí deu tão certo que eles ampliaram isso para a população. E aí a gente começou a aceitar a questão da descentralizada, a questão da expansão, e aí eu montei, eu comecei e coloquei o curso Técnico em Serviços Jurídicos.

MLMC: Foi mais ou menos em 2010?

PCM: É, 2009, 2010, é isso mesmo. Foi um desafio, porque era um candidato para uma vaga, eu tinha alunos que eram faxineiros do fórum, que queriam entender o que estava acontecendo dentro do universo deles, e tinha muitas mulheres que nunca trabalharam, precisavam voltar no mercado de trabalho, que queriam entender o jurídico, muitas queriam saber a respeito de divórcio, de separação, e foi um desafio e tanto, eu fui meio... E o pessoal do jurídico é muito crítico, eles têm uma postura de... Eu sou muito crítica, esse é o perfil do advogado, de quem é da área jurídica. E aí eu aprendi a lidar com o meu espelho ali, na marra, o meu espelho ali está na marra. E aí eu fiz alguns concursos entre eles, a gente promoveu alguns concursos. Entre eles, e entrou o atual diretor da escola. O atual diretor da escola, ele foi concursado para atender a primeira turma do jurídico. E foi meu aluno...

MLMC: Qual é o nome do atual diretor?

PCM: Professor Mário, Mário Augusto Souza, Mário Augusto de Souza. E é novo, tem 34 anos, 35 anos, supernovo. Ele foi meu aluno quando ele tinha 12 anos, no cursinho que eu dei. Depois ele entrou na Etec. Bom, aí eu fiquei um tempo, aí quando a Mirtes entrou, que o professor Serrano, que é esse que eu falei, que era da área de mecânica, ele teve que sair, porque ele completou a idade 65, que tem pessoas desligadas, é isso, 70 anos, não sei.

MLMC: Ele era 70.

PCM: 70. Quando ele completou 70 anos, ele foi, ele disse que ele não foi, foi aposentadoria expulsória. A Mirtes, que era a coordenadora pedagógica dele, assume a direção, e ela assume com um olhar de administradora, com um olhar mais delicado. Eu acho que a Mirtes, apesar de ser uma pessoa muito dura, ela é dura na fala, ela é dura nos atos e tal, ela foi uma excelente diretora. Eu acho que, eu vou rasgar o verbo aqui, eu não puxo o saco em ninguém, viu Maria Lucia. Eu falo isso inclusive para ela, mas eu acho que a escola melhorou muito depois que ela entrou. Só quem estava antes lembra, quem está depois, que entrou com ela, não acha, mas como eu estou lá mais tempo, eu sei o quanto ela melhorou a escola. E, ela foi resgatando algumas coisas, como as formaturas que a gente tinha perdido. Eu me lembro, a primeira formatura que ela fez, não tinha, não tinha o hino nacional, a gente esqueceu de colocar lá, são umas coisas assim, umas coisas que são detalhes, que eram detalhes importantes, para a história da escola, é uma instituição muito grande para ser perdida.

MLMC: Você vê que eu faço os nossos eventos com cerimonial e as bandeiras. (risos)

PCM: Então, e a gente teve uma perda, teve um tempo que não havia isso, era uma coisa, papo, veio o aluno sair, tchau, acabou e pronto. E a Mirtes então, ela vem para cá com uma ideia de gestora, uma ideia, ela é muito boa, eu gosto muito dela e ela é muito boa, muito inteligente, muito esperta e muito, o olhar dela é um olhar muito amplo. E aí coincide com os 79 anos da escola e ela chama a Lúcia para ser responsável pelo Centro de Memória. Na verdade, ela chama quatro ou cinco pessoas, eu não lembro quais são, para ser curadora do Centro de Memória. Para tentar o projeto. E a Lúcia (Lucia da Silva Teixeira) que era minha amiga, a gente chegou para a Europa juntas, então falei assim: - mas esse projeto é para a Patrícia, vocês precisam chamar a Patrícia. Eu já estava super envolvida com outras coisas e tal, aí eu fui, aí eles me chamaram, porque eu não tinha, eu não dava cara que eu tinha esse perfil. E aí então eu assumi o projeto, eu, a Lúcia e a Cilmar (Cilmar Aparecida Ribeiro). E aí era uma coisa muito difícil, porque ninguém sabia a história da escola. Não existia nada da história da escola. A gente sabia mais ou menos do que os outros falavam, mas ninguém sabia a linha do tempo.

PCM: E aí eu me lembro, eu sentada lá na minha casa, o meu irmão, meu irmão é arquiteto, gosta muito de história e tal, ele falou assim: - o que você está pensando aí? Cara, eu preciso contar a história da escola, aniversário dela dos 80 anos e tal, e eu não sei nem por onde eu começo: - você começa pelo começo. E aí eu fui, e ele falou assim: - mas vai no Tribuna, na Tribuna do Norte, que a Tribuna do Norte tem os jornais todos lá. E eu fui até a Tribuna do Norte, que é uma fundação, uma fundação centenária que a gente tem. A Tribuna não tinha todos os exemplares, porque eu tinha que pesquisar desde antes. Eu falo assim, para entender que a escola, ela iniciou em 31, eu preciso entender qual foi o processo dela. E acabei indo para o Arquivo Municipal, onde eu localizei todos os jornais de lá para cá. E aí a Lúcia e a Cilmar vieram comigo, e nós dividimos as pesquisas dos jornais em períodos. Então o meu foi de 1930, 29, 28, até 1960. A Lúcia de 60, 70, 80, e a Cilmar nos últimos anos. E foi um trabalho de formiguinha. Nós passamos aquele ano fotografando os jornais, mas foi um mergulho na história da cidade. Nós descobrimos contos, histórias.

PCM: Aí vai a Revolução Constitucionalista, a escola para de funcionar para virar banco de sangue, para virar hospital. E aí você começa a ver o quanto a escola era importante para uma sociedade tão pequena naquela época. E era uma sociedade que era dividida, tinha os fazendeiros e tinha o pessoal pobre. Quando eu comecei a ver que, em paralelo, a história da nossa escola, que era contada com glamour, com festas, com eventos e tal, existia a história do Núcleo Ferroviário, eu não sabia. Mas eu tive um insight na época. Eu falei assim: - gente, vamos começar a fotografar a história do núcleo ferroviário, porque eu tenho certeza, que vai

chegar um momento em que as duas vão se unir. E foi o que aconteceu. Depois a gente descobriu que a escola se tornou técnica porque o núcleo ferroviário acabou virando industrial, Industrial deixou de existir, virou Centro Interescolar e acabou virando a nossa escola. Então foi uma coisa de intuição, de perceber. E aí vem, como é que você conseguiu ter esse insight? Qual o tempo que eu estudei em escolas boas, professores bons, o tempo de leitura, o tempo de pesquisa que eu gosto e tal. E aí quando eu comecei a perceber isso, e aí era muito claro para mim nos jornais que as notícias escolares eram importantes. Tanto da João Gomes quanto do núcleo ferroviário. Eles eram notícias semanais. E aí foi onde a gente conseguiu fazer a linha do tempo. E em cima dessa linha do tempo, a gente conseguiu encaixar os documentos que a gente foi encontrando. A minha maior preocupação quando eu assumi essa responsabilidade foi de tirar os objetos de onde eles estavam para colocar num espaço destinado ao centro de memória e saber que o centro de memória é uma política pública, que pode ser mudada. E de repente aquilo que tem valor passa a ser só um papel velho e pode ser jogado fora. Então desde o começo, eu ainda brincava com as duas, eu falava assim: - quem é que vai ficar guardando o templo? Porque se você monta um espaço destinado a memórias, você espera que aquilo continue, porque aquilo vai virar nada se você não continuar ou se alguém não continuar o seu trabalho.

MLMC: Patrícia, por isso a importância das nossas publicações.

PCM: Eu sei.

MLMC: Quando você está contando, você está narrando o envolvimento de vocês nesse projeto, eu estou me lembrando. O nosso segundo livro, ele traz essas pesquisas dos projetos de HAE desse período, em que nós fizemos uma parceria com a Fatec de Jundiaí e entramos num projeto que envolveu os cursos ferroviários. Porque quando a Sueli Soares Batista queria que nós entrássemos num projeto da Fatec Jundiaí, eu comentei com ela assim: - olha, eu posso entrar envolvendo educação profissional, eu sei que esse curso existiu, porque eu já li sobre ele no livro do Arnaldo Laurindo. E daí foi maravilhoso, porque daí você já tinha essas descobertas e você pôde desenvolver projetos, a gente trabalhou com história oral e eu nem conhecia a existência dos núcleos ferroviários. E, também fui atrás da legislação, tentar ampliar o conhecimento sobre isso, acabou que aquele segundo volume nosso tem uns oito artigos sobre esses cursos ferroviários. Quer dizer, foi muito gratificante esse trabalho conjunto que nós fizemos.

PCM: Muito legal mesmo. E eu sei que quando, no auge dos 90 anos da escola e tal, a Mirtes falou, a gente tinha um cantinho, que era o cantinho que antigamente guardava os instrumentos da fanfarra e que, na época, era um lugar de depósito de papel higiênico, papelada, enfim. Ele foi tirado tudo dali e deram para a gente aquele canto. Era um canto super nobre, no fundo do corredor, logo próximo da entrada. Porém, é um canto sem internet, é um canto sem... Sem condições de a gente trabalhar em pesquisa ali. Você ficar naquele lugar ali não era um... Não era possível. A pesquisa ali, só se fosse uma... A pesquisa ali sem computador, sem internet, sem o telefone, sem o nada. A gente está falando de coisas de 10 anos atrás que tudo era muito caro. A internet do celular era caro, a ligação do celular era cara, tudo era caro. E a gente ficou lá nesse canto. Nós colocamos alguns objetos antigos, algumas fotografias em exposição e ficamos ali. E eu, na época, eu falava assim: - nós vamos colocar, mas documento importante não pode ser tirado de onde está. Porque se a gente tirar, depois não vai ter espaço para voltar. E se um dia mudar, se um dia fechar, isso daí vai virar lixo. Eu me lembro dessa minha maior preocupação era virar lixo, aquelas coisas. Então, por exemplo, eu tenho... Eu sei onde está e espero que continue onde estejam. Uma carta do ex-aluno que foi ministro do Geisel (Ernesto Geisel), agradecendo a escola pela educação que ele teve. Está no prontuário dele. A carta do ministro dos esportes pedindo para o João do Pulo ser dispensado, porque o João do Pulo (João Carlos de Oliveira) foi nosso aluno. Não nosso, foi do núcleo, mas acabou unindo. Ser dispensado nos exames finais, porque ele ia para o Panamericano. O prontuário do Geraldo Alckmin (Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho). Então, são documentos que eu não... Eu falo assim: - aquilo a gente não mexe. Aquilo lá, tem coisa lá que está há 60 anos guardado. 70 anos...

MLMC: Por isso Patrícia, a importância, eu também acho que tem documentos que são do arquivo permanente da escola. Inclusive, porque a gente não tem espaço no centro de memória. Porque teria que ter uma outra política dentro da instituição que seria centro de documentação e memória, como está sendo construído lá no IFSP São Paulo. Mas, no nosso caso, não é assim. Então, eu acho que... Por exemplo, esses documentos têm que escanear. Você está fazendo o catálogo, tem que pôr lá, chamar a atenção que o Alckmin foi nosso aluno. Sabe, esses documentos de eventos importantes que aconteceram. Porque tendo no digital, sabe-se que ele está em determinado lugar. E até na fonte, citar onde é que ele está. Secretaria Acadêmica, Diretoria de Serviços.

PCM: Não sei se a gente podia conversar isso depois, senão vai ficar ruim para você transcrever. Mas eu preciso falar com você sobre isso, tá?

MLMC: Claro, claro.

PCM: Entendeu? Senão a gente vai acabar entrando nisso e vai ficar ruim para você depois. É um trabalhão. Daqui a enquanto é para contar, né?

MLMC: Eu estou conversando com uma advogada. Eu sei o quanto é difícil transcrever.

PCM: E eu tenho uma pergunta para te fazer, que me preocupa bastante, e eu não quero fazer agora para não atrapalhar. Entendeu?

MLMC: Claro.

PCM: Então, a gente foi para esse lugarzinho lá, que era um lugar que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) chegou a visitar. A gente tinha umas prateleiras de concreto. Então, era super adequado para guardar os equipamentos e tal. Mas aquele espaço foi observado como espaço nobre, sendo destinado a nada. A verdade é essa. Tem gente que não valoriza a história. Então, é aquilo que o professor da Live dessa semana falou. Muitas vezes é desprezar. E aí houve uma crise política interna e esse espaço foi tomado de nós e foi jogado... Nós fomos jogadas para o fundo do... do antigo banheiro, no fundo desse salão. Lá no fundo, atrás da última parede, tem um banheiro, que era um vestiário feminino, e a gente foi jogada. Mas a entrada não era pelo salão, a entrada era pelos fundos mesmo. Um lugar insalubre, um lugar horroroso, um lugar sem aluno, um lugar sem internet. Aí não tinha nada, né? Não tinha ventilador, não tinha internet, não tinha luz, não tinha nada. E quando eu vi que eu estava assim, eu não vou ficar lá. Porque o que eles pensam em memórias é que você tem que ficar sentada dentro dessa salinha de memórias. Eles não entendem que memórias é você ir olhar um documento, olhar uma coisa, entrar na internet, ler um livro, fazer uma pesquisa. Eu falo assim: - não, não, é lá insalubre. O sol batia de frente lá. E eu briguei lá, que não. Bom, quando eu fui fazer uma... dar uma olhada, eu ia lá a cada 15 dias e tal, mas teve férias. Teve as férias e eu voltei, que eu vi que o espaço estava super inadequado, que, além de tudo, virou depósito de lâmpada queimada. E eu falei, os documentos, alguns documentos que a gente tinha, que eram importantes, inclusive as fotos da caixa que eu vi na mão do antigo diretor, que estavam comigo. Eles não podem ficar aqui. E falei com a direção. Falei assim, olha, essas alturas de direção já tinham tirado o pé da questão da memória. Já tinha feito 90 anos, já tinha publicado o livro, o site que a Cilmar fez ficou maravilhoso. Ela mandou cancelar, por causa de R\$20,00 por mês, a manutenção. E ela também já estava saindo, então estava em decadência. Quando eu falei para ela fazer, eu disse, eu preciso tirar

as coisas de lá. Não dá para ficar. Eu vou deixar os equipamentos, que não tem onde colocar, mas os documentos eu vou colocar num cantinho da biblioteca, que eu sei que ninguém mexe, porque está lá, faz 30 anos que está do mesmo jeito. Ah, tá bom. Peguei uma pasta, essas pastas de arquivo, coloquei as fotografias, coloquei os documentos, não sei o que. Chegou dezembro, eu tirei férias. Quando chegou em fevereiro, eu entro na biblioteca, tudo mudado. Tudo, aquilo que nunca mexeram, mexeram. E eu coloquei lá, centro de memória, não mexa, entregue se precisa mexer, entregue para a Patrícia. E sumiu.

MLMC: Que ano foi isso?

PCM: Foi em 2018. Em 2018, e sumiu a documentação, eu fiquei desesperada atrás, fotografia, não sabia onde localizar. Aí o rapaz que cuida do acervo da escola me ajudou, nós localizamos uma pasta, tem uma outra pasta, que acabei descobrindo agora, há pouco tempo, que está na mão da professora Marília (Marília Schimidt). E aí eu fiquei muito, muito agradecida de eu ter tido um outro insight, esse vai brigar comigo, porque teve uma época da minha vida em que eu publiquei muitas fotos no Facebook. E as fotos que sumiram estão lá. Então eu resgatei muita coisa de lá. Mas eu vou achar, eu vou achar aquelas fotos, as fotos estão na escola. As fotos estão na escola, alguém vai ter que traçar conta disso para mim. Então me deixou mais tranquila que muita coisa que tinha escaneado para colocar no Face, estava em mãos, eu tinha aquelas fotos em mãos. Então isso me deixou mais tranquila. Mas me incomodou, porque aconteceu exatamente o meu maior medo. E aí, graças a Deus, vão ter documentos importantes. Porque parte do acervo, parte do acervo eu não deixei mexer. Bom, quando o professor Mário ganhou a eleição, ele pediu apoio na época, eu falei para ele, eu te apoio. Até porque ele foi meu aluno, meu colega, meu colega de profissão, mas a gente vai trabalhar o Centro de Memória, eu quero um espaço nobre para o Centro de Memória, que não é certo o que está acontecendo. E aí ele me deu o outro lado do corredor, não era mais para cá, que é o que virou um arquivo da secretaria, depois até a gente mostra as fotos para você. Ele me deu o outro lado do corredor, que é um anexo da Biblioteca. Quais são os problemas desse anexo? O anexo, ele é pela CIPAT, pela CIPA a gente não pode ter nada lá. Pelos engenheiros também. Por quê? Porque a caixa de força fica dentro do Centro de Memória. A caixa de força da escola inteira fica dentro do Centro de Memória. E tem um armário que é de guardar material da biblioteca.

MLMC: Patrícia, só para deixar um registro aqui, aproveitando a sua palestra, a caixa central do Edifício Paula Souza, ligado ao pessoal da informática de todo o edifício, fica dentro do Centro de Memória do Centro Paula Souza. E quando eu assumi esse centro, porque eu sou

curadora, como vocês são das unidades, eu sou a curadora lá. Quando eu assumi, menina, o pessoal deixava a janela aberta, tinha comida, barata. Eu comecei por ordem. Eu falei, é lógico que a gente entende que tem uma série de dificuldades, a gente está pegando um prédio, não é fácil você transferir a caixa, mas vamos viver em conjunto aqui.

PCM: É o que dá.

MLMC: Ninguém come no Centro de Memória, tanto que nunca mais teve barata no Centro de Memória.

PCM: É o que dá. É o que temos para hoje, é isso. Então, ele me concedeu um cantinho lá onde eu fiz a exposição do maquinário que a gente tem, e tem um armário que eu tenho alguns arquivos lá que eu guardei, mas ainda não é o adequado. Eu tenho uma série de dificuldades, entre elas eu sou uma pessoa que é um problema, que sou uma pessoa muito desorganizada. Então, o que acontece? Eu ser desorganizada nas minhas coisas é um problema. Agora, na escola eu não posso, então eu preciso centrar a minha vida nesse momento, não nesse, nesse momento nós estamos só centrando em casa mesmo, mas para colocar as coisas conforme tem que ser feito.

MLMC: Patrícia, qual é o tamanho dessa sala anexa, mais ou menos?

PCM: Eu vou mostrar a foto para você, é bem pequena, é bem pequena.

MLMC: Quanto? Um cinco por seis?

PCM: Não, ela é um corredor, ela deve ter uns dois por quatro, mais ou menos. Ela é bem pequena mesmo. Eu vou mostrar a foto para você. E aí, ele me colocou nessa sala e eu falei assim: - não, mas eu não estou satisfeita com o meu trabalho no Memórias, eu acho que está faltando-me ampliar minhas atividades para os alunos. O fato de eu não estar dando aula para o ensino médio complica um pouco, porque os alunos que são envolvidos nessas coisas não são os adultos, são as crianças mais jovens. E aquele ano eu peguei aula com uma turminha problema, era uma turma muito problema. E eu estava dando aula sobre narração para eles e eu comecei a contar a história da escola. E eles pararam para me escutar. E eu falei assim, essa turma é uma turma boa para eu trabalhar com eles em algum projeto. Por sinal, é essa turminha que está aqui, que fotinho deles. E aí, eu pensei na exposição da Primavera de Museus e foi muito legal.

MLMC: Essa exposição foi maravilhosa. Eu entrevistei uma pessoa que eu falei sobre a sua exposição esses dias. Contando como é, assim, onde você fez, e a importância disso para preservar a memória, tanto do institucional nosso, do nosso projeto, que isso dá valor para o nosso projeto. Dessa difusão que você fez.

PCM: Isso. Mas foi meio complicado, viu Maria Lucia. Isso aqui. Porque eu não tive apoio da escola, eu fiz a palestra, se eu não tivesse levado os meus alunos, não ia ninguém. Não foi ninguém de direção. A exposição ficou lá, não foi ninguém de direção. Ninguém. Quando eu digo ninguém, é ninguém. Que foi, assim, uma professora que acompanhou um aluno, uma outra professora biblioteca ativa, sabe? E a palestra que eu dei estava lotada, mas os alunos foram, porque eu pedi, são alunos meus que gostam de mim, então não houve, assim, não deram importância, não deram a mínima para a minha exposição. Foi tão... Estou falando, vai ficar registrado, mas é a verdade. Foi tão absurdo o que aconteceu que o último dia da exposição coincidiu com o dia de um evento da escola e eles precisavam dos cavaletes. E o diretor me ligou cedo e falou assim: - Patrícia, cadê os cavaletes. Eu falei: - olha, vocês me emprestaram o cavalete, o cavalete vai ficar até hoje ou amanhã, eu entrego para vocês. Não, mas eu preciso do cavalete hoje aqui. Falei, não, hoje não. O cavalete está na exposição, é o último dia da exposição. Eu estou indo lá buscar.

MLMC: Bom, ele é o diretor, é ele que está sumindo, né?

PCM: Ele que assumiu. Fazia três meses que ele estava lá. Eu disse, estou indo lá buscar. Ele falou, você não vai, porque isso é assédio. O que você está fazendo é assédio. Você não vai. Eu posso ir lá buscar, você não vai buscar. Aí eu fui e desmontei a exposição um dia antes para entregar os cavaletes que eles estavam precisando. Mas foi muito difícil, não foi reconhecido, sabe? Tanto que quando você me convidou para ir para São Paulo, que eu contei, aí ele ficou assim, nossa, é, é, vocês não foram, ninguém foi. Não foi, não foi, ninguém foi. Quem foi, quem foi, quem foi, foram os meus alunos. E foi porque eles gostam das histórias que eu conto, do jeito que eu falo, e eles foram por causa disso.

MLMC: Mas, Patrícia, deixa eu te contar uma coisa.

PCM: Sim.

MLMC: Eu acho que é um problema cultural nosso. É um trabalho de formiguinha o que nós fazemos. Você vê que as pessoas sempre comentam do nosso projeto, mas o pessoal não

tem ideia do esforço que a gente faz. E eu estou te contando isso porque como eu desenvolvo atividades, ações educativas, como vocês, para eu ter público quando eu organizo as minhas exposições, eu sempre dentro do projeto eu envolvo escolas, sabe? E meio quase que convoco os professores para trazerem os alunos. Porque se eu não fizer isso, nem os nossos, nem os funcionários do Centro Paula Souza, que estão no edifício.

PCM: Vão lá olhar.

MLMC: Vão lá olhar e assinar a lista. Eu tenho que ficar cobrando das pessoas, passar nas salas e tal. Então, você vê que é um problema cultural. Agora, por outro lado, eu acho assim, insistindo nisso, colocando os arquivos nas ações educativas, nós estamos preservando os nossos espaços. Então, a gente tem que continuar, sabe?

PCM: Ah, eu continuo. Pode achar que eu continuo.

MLMC: E você vê que eu sempre faço exposições em paralelo aos nossos eventos, sempre com essa intenção.

PCM: Porque essa exposição foi feita no museu, mas era para ser feita na Etec. Quando eu fiz a minha inscrição na Primavera de Museus, eu falei que a exposição ia ser na Etec. E aí já tinha sido combinado que ia ser no corredor, porque é onde os alunos passariam. Eles ficam muito curiosos em ver um monóculo. Ninguém sabe o que é aquilo. Ninguém sabe o que é aquilo. Hoje é impossível, né? Com a pandemia, imagina, cada um olhando, imagina. É uma coisa de um ano atrás. Foi ontem, ontem fez um ano. Ia ser no corredor. E, de uma hora para outra, eles cancelaram a minha exposição para fazer uma exposição sobre prevenção ao suicídio. Aí eu fiquei muito brava. Fiquei muito. Como assim? Como cancelaram a minha exposição? Está tudo comprado. É o meu dinheiro, né? Os alunos estão esperando. Aí eu falo, então está bom. Então não vou fazer aqui, vou fazer no museu. E aí eu fui para o museu. Cheguei lá, o curador... Eu não sabia. É, e o curador de lá foi meu aluno da década de 90.

MLMC: Que interessante.

PCM: Como é o nome dele? Mauro (Mauro Moraes). Eu não sei. Esqueci o sobrenome dele. Ele falou: - Patrícia, a porta está aberta para você fazer a exposição que você quiser. Quer vir da palestra, pode vir. Vem aqui a hora que você quiser, do jeito que você quiser. Então foi

muito legal, porque foi assim... Consegui transformar o limão na limonada. E aí, assim, só para a gente contar o restinho do final dessa história. Existe uma casa... Eu também entendo o diretor, porque ele tinha acabado de assumir uma bucha, sabe Maria Lúcia. Ele assumiu uma escola com R\$300 de dinheiro na APM, sabe? Não era fácil também ele fazer três meses que ele estava na direção. Eu entendo, jovem, ainda está tirando, tendo que fazer um monte de coisa. Tendo que lidar com política interna. Enfim, eu entendo. Estou amenizando aí, porque ele é uma boa pessoa, ele é um bom rapaz. Ele tem muito ainda para fazer pela escola. Eu acho que ele fica por lá muitos anos. E aí, a gente tem um... Do lado tem uma casa de caseiro, mas não tem mais sentido, porque a gente hoje tem vigia. E o caseiro morreu. O caseiro morreu. Teve um piripaque lá e morreu o Edson. E aí, ele pediu a casa, a família foi embora, e a intenção dele, se Deus quiser, quando tudo isso passar, é transformar essa casa do caseiro na biblioteca e no espaço de memória. Então, ele tem a intenção de...

MLMC: Tomara, tomara!

PCM: Tomara, tomara! E, assim, disso tudo, eu tenho que te agradecer, porque tem uma fase da minha vida em que foi marcado, e é uma coisa que a gente não vai esquecer nunca mais. É o olhar do pesquisador. Eu não tinha noção do que era uma pesquisa antes. Foi no engajamento do projeto de memórias que me fez saber o que é o recorte, o que é o tempo, qual a importância do tempo, a cronologia, a importância de cada objeto que você está olhando. Olhar para a escola e ver... Muitas vezes tem essa cadeira que a gente comentou, eu nunca olhei para ela como um objeto histórico, mas ela é um objeto histórico. Então, esse olhar de historiador me fez tomar uma sensação muito legal, que foi a sensação que eu deixei lá atrás quando eu resolvi ser advogada. Fui ser professora, mas nunca fui professora de História. Na época, eu queria ser professora de história. E aí a história voltou para a minha vida por meio do centro de memória. Hoje eu tenho três bases da minha vida, que é o Direito, porque eu durmo sendo advogada e acordo sendo advogada, eu sonho sendo advogada, isso faz parte do meu ser. Eu tenho a literatura, que é uma coisa que eu amo, que eu adoro ler, e tenho a história, que ela retorna na minha vida através do projeto de memórias. Então, é isso. Eu queria registrar esse agradecimento. Se eu olho o meu primeiro artigo, eu fico pensando assim, meu Deus do céu, podia ser tão melhor, sabe? Foi o centro de memória, foi o projeto de vocês que me ensinam.

MLMC: Patrícia, eu adoraria continuar conversando com você. Nós estamos quase uma hora conversando e teríamos muito mais assuntos. Então, eu acho que provavelmente faremos outras entrevistas. Eu espero que essa próxima entrevista seja aí na sua escola, logo que

essa pandemia passar, né? E daí esse espaço, esse novo espaço aí esteja liberado. Vou estar na maior torcida. Porque você merece pela dedicação a esse projeto, a dedicação à escola. Então, foi um prazer fazer essa entrevista com você.

PCM: Muito obrigada.

MLMC: Eu vou transcrever a entrevista, vou depois te passar, porque é um trabalho que você faz entrevistas, você sabe que é um trabalho de coautoria, mesmo aqueles nomes que agora a gente não lembrou completamente, na transcrição dá para complementar.

PCM: Sim.

MLMC: E eu fico muito agradecida mesmo.

PCM: Muito obrigada Maria Lucia. Muito obrigada.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Docentes em centros de memória

Curadoria

Etec João Gomes de Araújo

Etec de São José dos Campos

Patrícia Campos Magalhães

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Júlia Falivene Alves

Júlia Naomi Kanazawa

FAPESP

Historiografia

Técnico em Mecânica

Ensino Médio

Centro de Memória

Coordenação pedagógica

Coordenação de área

Técnico em Serviço Jurídico

Classe descentralizada

Núcleos Ferroviários

Jornal a Tribuna

Fatec Jundiaí

Sueli Soares dos Santos Batista

Arnaldo Laurindo

Ernesto Geisel

João do Pulo

Geraldo Alckmin

Exposição

Fotografias

Biblioteca

Dados Biográficos da Entrevistada



Patrícia Campos Magalhães tem graduação em Ciências Jurídicas pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e graduação em Letras (R2) pela Claretiano. É também pós-graduada em Português, Literatura e Linguagem, pela Universidade Claretiano, especialista em Educação Técnica pela Faculdade São Luiz EAD. Tem experiência em advocacia e como professora do ensino profissional. Foi mestranda em Desenvolvimento Humano, pela Universidade de Taubaté (UNITAU)

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar,

artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV:

<http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Patrícia Campos Magalhães

Termo de uso de Imagem de Patrícia Campos Magalhães

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Patrícia Campos Magalhães